



Hiroshima

Seis décadas depois do pesadelo nuclear

Seis de agosto de 1945. A bomba atômica explode sobre Hiroshima, matando mais de 140 mil pessoas. A tragédia se repete 72 horas depois em Nagasaki, eliminando outras 70 mil. O mundo lembra hoje os 60 anos do dia em que a eliminação da raça humana se tornou uma possibilidade real.

RODRIGO LOPES

Milton Murakami tinha tudo para se considerar um jovem de sorte. Estava a oito quilômetros do epicentro da explosão da bomba atômica na segunda-feira, 6 de agosto de 1945. Apesar de ter o corpo queimado e a camiseta que vestia naquela manhã derretida, para sempre colada a seu corpo, ele sobreviveu ao horror de Hiroshima. Todos os seus amigos morreram.

Filho de pais japoneses, o brasileiro, então com 20 anos, só entenderia décadas depois por que sobreviver ao horror atômico não significava necessariamente sorte. Devido à radiação atômica, o seu primeiro filho nasceu com leucemia. Uma neta veio ao mundo sem o braço esquerdo. Era a herança maldita da bomba, que fazia o pai e avô Milton chorar.

— Os netos de muitos estão nascendo assim. A guerra continua matando — dizia, 40 anos depois.

Natural de Avaré, São Paulo, Milton fez o caminho inverso dos pais na década de 30. Voltou ao Japão. Só que na hora errada: por causa da guerra, foi obrigado a se alistar no exército com 15 anos.

Quando o B-29 americano Enola Gay lançou a bomba que entraria para a História como Little Boy (Garotinho), Milton estava de serviço em Hiroshima. Eram 8h15min, e não havia nuvens no céu. Ele sentiu a luz laranja da bomba quase cegá-lo. O impacto da explosão o jogou para o alto. Da farda militar e das outras três peças de roupa que vestia por baixo, sobrou apenas a camiseta com gola em forma de “V” e mangas curtas tatuada para sempre no corpo por causa da temperatura altíssima. Até desmaiar, Milton sentiu dor de cabeça e calor.

As pessoas se jogavam nos rios para apagar o corpo em chamas

Como no caso da maioria dos sobreviventes, os dois rios que cortam o centro de Hiroshima — Motoyasu e Hon — ficaram na memória do brasileiro. Em chamas, muitos correram para a água, mas acabaram morrendo, porque ela também fervia.

— Sobrevivi porque não sabia nadar — afirmava.

Milton não viveu para ver outra monstruosidade humana. Vítima de um câncer no estômago, ele morreu em 1988, mais de uma década antes de as torres gêmeas ruírem em Nova York, em 2001.

— Ele dizia que o incêndio no edifício Joelma, em São Paulo, não chegava aos pés da bomba atômica. Se visse o 11 de Setembro, diria a mesma coisa — conta a filha Christyna Mizushima, 50 anos.

Para Christina, que vive em Porto Alegre, o pai também deixou uma herança: sua história, que fazia questão de contar, como um grito que não pôde dar naquela segunda-feira de 1945:

— Nunca mais lancem a bomba. Porque, se a lançarem agora, acabarão com o mundo.



Arte de viver: Yoshiharu e Tsutae sobreviveram ao ataque a Nagasaki e hoje vivem no Estado

Dois sobreviventes em Viamão

O casal Yoshiharu e Tsutae Urakami recebe os visitantes com uma mesa de boas-vindas na casa simples da colônia japonesa de Itapuã, em Viamão: bergamotas, bananas, bolinhos de feijão cobertos com polvilho e chá. Antes e depois da entrevista, Yoshiharu faz piadas, canta “Eu te amo”, imitando uma música sertaneja, posa para fotos e pergunta:

— Está bonitinho?

Mas não é pelas palavras que Yoshiharu deixa à vontade. Aos 87 anos, ele não fala português. É pelo olhar serelepe à procura de um motivo para piada e pelas caretas que ele conquista. E ri muito. Até mesmo quando conta sua história triste.

— Estou disposto a contar toda a minha história enquanto ainda vivo — avisa.

Eram 11h02min do dia 9 de agosto de 1945. Yoshiharu trabalhava na construção de navios em Nagasaki. Três dias antes, ele ouvira falar do horror em Hiroshima. Um novo bombardeio era questão de tempo.

— Na hora da explosão, o piso se desprendeu do chão e veio por cima de mim. O relógio na parede caiu. E o que estava no meu pulso saltou fora — conta.

Protegido por peças de aço de navios, o japonês sobreviveu, ainda pensando que a explosão fora causada por um tanque de gás. Com ele, havia outras 40 colegas.

— Todos sumiram. O choque foi tão grande que me deitei no chão — explica.

Lá fora, a escuridão era total. Um colega, que havia saído para buscar uma peça, teve o corpo queimado.

— Um raio me atingiu — contou.

— Você, está bem? — quis

saber Yoshiharu.

— Parece que sim — respondeu.

O colega morreu três dias depois. Na explosão, Yoshiharu sofrera apenas um corte no tornozelo. Depois, perdeu o cabelo por causa da radiação.

A 50 metros dali, Tsutae viu naquela manhã dois B-29 passarem por cima de sua cabeça — um deles fez o reconhecimento da área, o outro, o Bocks’ car, lançou a bomba, apelidada de Fat Man (Homem Gordo). Na lavoura, Tsutae se agachou.

— Parecia que ia explodir até a minha barriga — conta, hoje, aos 81 anos.

A distância lhe propiciou uma visão inesquecível — e terrível.

— Vi o cogumelo. A fumaça em volta era branca. Havia uma camada preta e, dentro, era vermelho incandescente — conta.

Quando soube que a bomba atômica havia sido jogada de novo sobre o Japão, ela ouviu que nem capim nasceria mais naquela terra. A fome seria o próximo desafio.

— Ouvimos falar do Brasil, onde se podia plantar — explica.

Yoshiharu traz datas e informações anotadas no bolso da jaqueta. Como o ano em que desembarcou no Brasil — 1963. No bolso, também guarda um pincel preto, que usa para desenhar ideogramas (kanji).

Antes de se despedir, o sobrevivente faz questão de mostrar como se protegeu na hora da explosão. Como se tivesse 40 anos menos, deita-se no chão com mãos à cabeça. E dispensa ajuda para levantar. O segredo da longevidade?

— Comer bem e fazer piadas — ensina.



Yoshiharu: o jovem na guerra

Um dia para não esquecer

Exatos 60 anos depois, às 8h15min de hoje (20h15min de ontem em Brasília), cerca de 60 mil pessoas se reuniram no Parque da Paz, em Hiroshima, para fazer um minuto de silêncio, soltar mil pombas brancas e depositar coroa de flores nos memoriais.

O tema da paz domina Hiroshima. Mas o tom da cerimônia foi combativo. O primeiro a falar foi o prefeito de Hiroshima, Tadatashi Akiba, que no ano passado propôs a proibição total das armas nucleares e criticou os EUA, dizendo que a Casa Branca ignora as Nações Unidas e o direito internacional com as pesquisas atômicas.

Por causa de Hiroshima, líderes japoneses assumiram o compromisso de jamais desenvolver a bomba atômica. Nos últimos anos, porém, membros do partido conservador do primeiro-ministro Junichiro Koizumi vêm questionando essa posição, diante das ameaças nucleares da Coreia do Norte. O país discute uma nova Constituição, e o Partido Liberal Democrático quer revogar o artigo 9º, que prevê o uso das forças armadas exclusivamente para a defesa.

Em cidades como Tóquio, o pacifismo não está mais na moda. Em Hiroshima, ele ainda está bastante vivo. Lá, as pessoas têm uma forte identidade com as vítimas da bomba. Elas acham que têm de ser um farol do pacifismo e dos esforços para abolir as armas nucleares.

Uma eterna discussão

A polêmica sobre a real necessidade de usar armas nucleares contra o Japão continua até hoje:

■ **O que dizem os críticos** — Para eles, não havia necessidade de tamanha catástrofe. Eles garantem que o imperador japonês Hiroito pedira ao seu gabinete que negociasse um cessar-fogo e insistem que a exigência aliada de uma rendição incondicional — e a abdicação do imperador — era o único obstáculo à paz.

■ **O que dizem os defensores** — Eles argumentam que o Japão, apesar de se ver frente a uma derrota, estava preparado para lutar indefinidamente — como foi provado pela resistência suicida de soldados e civis nas ilhas do Pacífico e pela intransigência das autoridades. Afirmando que um ataque por terra contra o Japão teria custado centenas de milhares de vidas aos dois lados.